Universidade de Brasília

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução-

LET Micaela Nunes Martins dos Reis

CRENÇAS SOBRE O CONCEITO DE PROFICIÊNCIA EM UM CURSO MULTILÍNGUE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO CENTRO-OESTE: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS DOS DISCENTES

BRASÍLIA-D

F 2022

Micaela Nunes Martins dos Reis

CRENÇAS SOBRE O CONCEITO DE PROFICIÊNCIA EM UM CURSO MULTILÍNGUE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO CENTRO-OESTE: Uma análise de narrativas dos discentes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA/MSI), da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Fidel Armando Cañas Chávez

BRASÍLIA-DF

2022

Micaela Nunes Martins dos Reis

CRENÇAS SOBRE O CONCEITO DE PROFICIÊNCIA EM UM CURSO MULTILÍNGUE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO CENTRO-OESTE: Uma análise de narrativas dos discentes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA/MSI), da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Fidel Armando Cañas Chávez

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fidel Armando Cañas Chávez
(LET/UnB)

Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro (LET/UnB)

Prof. Dr. Francisco Cláudio Sampaio de Menezes
(LET/UnB)

BRASÍLIA - DF 2022

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar as crenças dos alunos do curso LEA-MSI sobre o conceito de proficiência, a partir de uma análise de narrativas, refletindo e dialogando com o arcabouço teórico e com a proposta pedagógica do próprio bacharelado. Para esta finalidade, foi aplicado um questionário com quatro perguntas abertas de maneira a compreender melhor o fenômeno da proficiência a partir da concepção e do modo de ver o mundo (BARCELOS, 2010) dos discentes. Assim, foram analisadas as respostas, divididas em quatro subseções, a fim de identificar as crenças mais frequentes. Diante disso, algumas descobertas valem ser mencionadas, como a crença de que a fluência oral ainda carrega um grande peso no termo proficiência; de que a proficiência é um conceito absoluto, ou, ainda, a noção de entender e se fazer entendido em uma língua, ligada à ideia de “falar bem” um idioma.

Palavras-chave: Proficiência; bilinguismo; língua; crenças.

ABSTRACT

The present article aims to present the beliefs of LEA-MSI students about the concept of proficiency, based on an analysis of narratives, reflecting and discussing with the theoretical reference and with the bachelor's degree itself. For this purpose, a questionnaire with four open questions was applied in order to better understand the phenomenon of proficiency, based on the students' conception and way of seeing the world (Barcelos, 2010). Thus, the answers were analyzed, divided into four subsections, in order to identify the most frequent beliefs. Therefore, some findings are worth mentioning, such as the belief that oral fluency still carries a great deal of weight in the term proficiency; that proficiency is an absolute concept, or also the notion of understanding and making oneself understood in a language, linked to the idea of “speaking a language well”.

Keywords: Proficiency; Bilingualism; Language; Beliefs.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	7
1.1	A escolha do objeto de estudo e objetivos…	8
1.2	Conceituação dos termos…	8
2	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	11
2.1	Instrumento de coleta de dados…	12
3	**ANÁLISE DOS RESULTADOS**	12
3.1	Fluência, naturalidade e domínio da língua…	13
3.2	Proficiência exclusiva em inglês	15
3.3	Contexto e comunicação na língua	17
3.4	Relevância da compreensão oral	19
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	22
	REFERÊNCIAS	24
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES	26

1. INTRODUÇÃO

A sociedade da informação e a globalização mudaram radicalmente a maneira como os seres humanos vivem. O mundo configurou-se de tal forma que essa expansão cultural, comercial e econômica ultrapassaram as fronteiras das nações, de forma que os países se encontram cada vez mais interligados e dependentes uns dos outros. Nessa perspectiva, o bilinguismo e a proficiência multilíngue apresentam-se como um aspecto imperativo não somente no contexto do mercado de trabalho, mas também nas esferas acadêmica, cultural e social. Como aponta Grosjean (2010, p. 99), o bilinguismo é considerado uma real vantagem à medida que oferece diferentes perspectivas para a vida, promove uma visão mais ampla e reduz o desconhecimento cultural.

Diante dessa realidade, tem-se uma maior valorização de escolas que ofereçam ensino bilíngue, com o surgimento de novas profissões e áreas acadêmicas, como é o caso do bacharelado de LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas) de caráter multi e interdisciplinar em várias universidades internacionais como também no Brasil. A título de exemplo, os quatro locais que o oferecem no país são: a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - BA, a qual inclusive foi pioneira neste processo, a Universidade Federal da Paraíba, o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - RJ e a Universidade de Brasília (UnB) - DF.

À exceção da UnB, o LEA possui o mesmo foco com aplicação às negociações internacionais, de maneira que os estudantes se dedicam às matérias, para além das línguas estrangeiras, de conhecimento geral de administração, economia, relações internacionais, turismo e tradução. A implantação da primeira turma do curso no Brasil se deu na UESC em 2003, fruto de convênios assinados entre esta última e a Universidade de la Rochelle na França, apoiado pela Embaixada da França no Brasil. Entretanto, na Universidade de Brasília (UnB), na qual sou graduanda, o curso se apresenta como o único do país com o foco em multilinguismo e sociedade da informação, buscando prestigiar a informação, seja na inclusão de línguas no mundo virtual, na organização de conferências multilíngues ou no uso de tecnologias imprescindíveis para a análise de corpus e tradução audiovisual.

Desta maneira, as áreas de aplicação podem variar em cada universidade, porém as línguas permanecem como o principal ponto convergente, as quais ocupam quase metade da grade curricular no que diz respeito aos créditos. Portanto, o egresso desta graduação apresenta um novo perfil no mercado de trabalho bastante valorizado no mundo globalizado: um profissional multilíngue, com conhecimentos gerais que vão do direito e economia, da tradução à organização de eventos, os quais o possibilitam a escolher uma gama de possibilidades, entre elas diplomacia, tradução, interpretação, assessorias e consultorias internacionais.

1.1 A ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO E OBJETIVOS

Surgindo expressamente como produto dessa configuração moderna da sociedade, o bacharelado de LEA tem bastante a contribuir tanto ao mercado de trabalho multilíngue quanto à pesquisa acadêmica, sendo esta última meu interesse neste trabalho. Pretendo responder ao problema de pesquisa “Quais são as crenças dos estudantes de LEA sobre o conceito de proficiência?”, de maneira a dialogar com as teorias existentes sobre o assunto, ao utilizar-me de suas narrativas a partir da aplicação de questionários abertos.

Para fins de delimitação e orientação deste trabalho, apresento os seguintes objetivos que darão direcionamento à pesquisa aqui apresentada:

- Identificar as crenças de discentes do curso de LEA sobre o conceito de proficiência partindo de uma análise de narrativas.
- Explorar esses aspectos a partir de um arcabouço teórico.
- Dialogar com a graduação de LEA-MSI.

1.2 CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS

Em primeiro lugar, conceituarei o termo “crenças”, tendo em vista que é também uma palavra utilizada em outros contextos além da academia, como o religioso, e que pode gerar algum tipo de equívoco durante a leitura do trabalho. Portanto, compartilho da visão de Barcelos (2010):

> Entendo crenças, de maneira semelhante à Dewey (1933), como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e

> (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2010, p. 18)

Diante disso, noto que minha pesquisa está alinhada à definição de Barcelos, pois investigarei a maneira como os alunos de LEA percebem o mundo, através da exploração do fenômeno proficiência em línguas e o diálogo com assuntos correlacionados. Além disso, o estudo de crenças é relevante, pois permite o entendimento de algumas ações e comportamentos, já que pautamos nossas atitudes por nossos valores e ideias enraizados.

Para se tratar de um tema complexo como o conceito de proficiência linguística, é imperativo o estudo e compreensão do bilinguismo, dado que o primeiro comumente existe dentro de tal contexto. Para fins deste trabalho, filiar-me-ei ao conceito de bilinguismo oferecido por GROSJEAN (2013), o qual afirma que "bilinguismo e, portanto, multilinguismo é o uso de duas ou mais línguas (ou dialetos) na vida cotidiana"[1] (GROSJEAN, 2013, p. 5). Para o autor, o uso é mais enfatizado do que o nível de fluência, pois o falante utiliza suas línguas em diferentes áreas da vida e com diferentes pessoas, de forma que uma língua terá um grau maior de fluência quanto mais presente ela estiver nos distintos contextos da vida diária, onde apresenta compatibilidade com o conceito de complementaridade.

Em contrapartida, tem-se como senso comum a ideia de que o multilíngue é o indivíduo que faz uso de duas ou mais línguas de maneira perfeita, ou seja, com a mesma fluência e maestria que desempenha em sua língua materna. Essa é a visão compartilhada por Bloomfield (1935, p.56), o qual afirma que "o bilinguismo é o controle nativo de duas línguas". Não obstante, Grosjean (2012) dedica uma boa parte de seu livro Bilíngue: vida e realidade[2] para combater o que ele chama de mitos sobre o bilinguismo, considerando a última citação um deles.

Nesta perspectiva, assim como o bilinguismo, a noção de proficiência em língua estrangeira também se modificou com o passar do tempo, adotando um novo paradigma. Como elucida Harley *et al*. (1990, p. 7):

> A concepção implícita de proficiência linguística, tal como tem sido operacionalizada em salas de aula de segunda língua, resultou em ver a proficiência como pouco mais do que gramática e léxico. O movimento recente em direção ao ensino comunicativo de línguas tem sido associado a uma visão mais ampla da língua que inclui não apenas seus aspectos

[1] Tradução nossa.
[2] No original: "Bilingual: Life and Reality."

> gramaticais, mas também a capacidade de usar a língua de forma adequada em diferentes contextos e a capacidade de organizar o pensamento por meio da linguagem. [...] Em suma, a concepção do que significa ser proficiente em uma língua expandiu-se significativamente. (HARLEY et al., 1990, p. 7, tradução nossa).[3]

Essa visão mais ampla que considera diferentes contextos, mencionada pelo autor, também é a compartilhada por Scaramucci (2000) e será a qual me filiarei para fins deste trabalho, no qual ela considera que o uso técnico do termo proficiência passa por uma "gradação de proficiência" (Scaramucci, 2000, p. 14), ou seja, mesmo nos níveis iniciais os falantes são considerados proficientes, a depender do contexto e da situação de uso da língua. Ou seja, "uma definição mais adequada de proficiência deveria incluir o propósito da situação de uso." (Scaramucci, 2000, p. 14)

Não obstante, uma ideia ainda muito presente atualmente, é o uso leigo do termo, o qual, como comenta Scaramucci (2000), geralmente está relacionado ao desempenho oral de um falante de língua estrangeira, em que a referência é possivelmente o falante nativo ideal, provando-se assim "uma proficiência monolítica, estável e única" (Scaramucci, 2000, p. 13) como se em todos os contextos e situações de fala o desempenho oral fosse o mesmo.

Nesta perspectiva, há uma gama de teorias sobre o assunto no meio acadêmico, como modelos de proficiência em línguas, tais como Lado (1961), Canale e Swain (1980) e Bachman (1980), como também escalas de proficiência, as quais descrevem as aptidões e habilidades do falante para cada nível de proficiência como o ACTFL e o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR), instrumentos fundamentais para o ensino e aprendizagem de línguas, os quais podem ser utilizados tanto por professores quanto por alunos.

Apesar disso, o senso comum pode continuar sendo predominante em certo sentido. Por este ângulo, julgo que esta pesquisa surge não somente de uma curiosidade intelectual, como também de uma inquietação pessoal, visto que desde o início de minha carreira acadêmica questionava-me com relação aos critérios de se considerar um indivíduo proficiente.

[3] No original: The implicit conception of language proficiency, as it has been operationalized in second language classrooms, has entailed viewing proficiency as little more than grammar and lexis. The recent movement toward communicative language teaching has been associated with a broader view of language that includes not just its grammatical aspects, but also the ability to use language appropriately in different contexts and the ability to organize one's thoughts through language. [...] In short, the conception of what it means to be proficient in a language has expanded significantly.

Diante disso, considero este trabalho pertinente, haja vista que é uma graduação que se propõe a ser multilíngue, portanto faz-se necessária a compreensão e análise das crenças dos próprios estudantes com relação à definição de proficiência nas línguas que os acompanham durante todo o bacharelado. Ademais, apresento autores de visão tanto tradicional quanto contemporânea sobre o assunto e temas intimamente correlacionados como o bilinguismo, além de o considerar relevante e original para a própria comunidade acadêmica do LEA, já que é um ponto de reflexão que toca em uma área primordial do curso: o domínio das línguas estrangeiras.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção deste trabalho será empregado o método de análise de narrativas, as quais, de acordo com Bastos (2015), podem ser geralmente consideradas "de natureza qualitativa e interpretativa" (Bastos, 2015, p. 103), tendo em vista que são voltadas para o contexto social. Como aponta a autora:

> Um dos pontos mais fundamentais a ser considerado é que essas pesquisas tomam o contexto micro como objeto pesquisável, isto é, se voltam para a análise das práticas de linguagem que fundam os encontros sociais, onde se constroem as definições da situação e as negociações identitárias de toda ordem. (BASTOS, 2015, p. 103)

Godoy (1995) corrobora com a visão anterior pois entende que a pesquisa qualitativa permite que um certo fenômeno seja melhor compreendido em seu contexto, pois há uma "perspectiva integrada" (Godoy, 1995, p. 21), em que o pesquisador considera os pontos de vista das pessoas envolvidas como válidos.

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qual busca quantificar os resultados e, portanto, criar uma generalização, a abordagem qualitativa se preocupa menos com isso, tentando justamente compreender profundamente um fenômeno. De maneira semelhante, a pesquisa com narrativas pode ser considerada da seguinte forma: "Pode-se definir narrativa, pré-teoricamente, como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social." (BASTOS, 2015, p. 99).

Além do mais, o uso de narrativas como uma metodologia científica não é uma especificidade da área da linguística. Como aponta Pavlenko (2007), o uso de narrativas serve "tanto como objeto quanto forma legítima de pesquisa na história, psicologia, sociologia e educação.” (PAVLENKO, 2007, p. 164).

Portanto, ainda que a pesquisa com narrativas possa parecer - numa concepção ingênua - menos científica, ela é legítima, científica e pode ser bastante eficaz na pesquisa acadêmica. Conforme Bastos e Biar (2015, p.105): “a análise de narrativas mostra-se bastante produtiva para examinar a fala gerada em diferentes contextos, tanto em interações cotidianas, institucionais, em entrevistas de pesquisa e em grupos focais.” Nesse sentido, considera-se que o pesquisador tem o papel de ator social, visto que os dados puros não falam por si, ou seja, é necessária uma interpretação deles. (Bastos e Biar, 2015).

Sendo assim, considero que a análise de narrativas atrelada à abordagem qualitativa me permitirá observar e refletir de maneira eficiente sobre as crenças relacionadas à proficiência multilíngue a partir da percepção dos discentes do curso LEA-MSI na UNB.

2.1 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários abertos, contendo quatro perguntas, as quais foram elaboradas com o objetivo de investigar as crenças dos graduandos de LEA, no que diz respeito ao conceito de proficiência em uma língua estrangeira.

O instrumento foi aplicado a quatro discentes do curso de forma individual e com o auxílio de ferramentas da internet que facilitaram a sua difusão. O critério de seleção de candidatos para a pesquisa foi por amostragem não probabilística por conveniência.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já mencionado nas seções anteriores e considerando os termos definidos na seção 1.2 da introdução, utilizarei a análise de narrativas para investigar os resultados obtidos através dos questionários abertos. Dividirei esta

seção em quatro subseções, correspondentes às quatro perguntas do questionário (ver Apêndice A).

3.1 FLUÊNCIA, NATURALIDADE E DOMÍNIO DA LÍNGUA

Analisando a primeira pergunta do questionário, a qual tinha por objetivo introduzir o assunto de forma clara, obtive como respostas os seguintes registros:

Participante 1 - *Acho que proficiência seria o conhecimento amplo acerca de algum determinado assunto que uma pessoa tem.*
Participante 2 - *Saber se comunicar em uma língua com naturalidade e sem pensar muito.*
Participante 3 - *É a capacidade de um falante de determinada língua de se comunicar nas quatro habilidades (escrita, leitura, fala e escuta) com fluência suficiente para ser entendida.*
Participante 4 - *Ter domínio sobre uma língua. Saber falar bem ela.*

Ao interpretar as respostas de cada participante, percebe-se que a proficiência está ligada a alguns fatores como: domínio/conhecimento amplo; naturalidade; fluência suficiente nas quatro habilidades e saber falar bem uma língua - que será analisado mais profundamente na subseção 3.3.

Quando falamos de proficiência de forma genérica, o dicionário *Michaelis* nos mostra uma definição similar à primeira resposta, sugerindo que é o “pleno conhecimento sobre determinado assunto” (MICHAELIS, 2022), de maneira que é possível ser proficiente em muitas áreas, como aritmética, violão ou informática por exemplo. No entanto, tratando-se de língua a definição pode ir um pouco mais além, sobretudo em um curso como o LEA, já que a língua é essencialmente social (SAUSSURE, 1916), portanto está ligada aos contextos em que seus falantes estão inseridos.

Uma associação bastante comum relacionada à proficiência é a maestria na fluência[4] oral de um falante de língua estrangeira, a qual está muito interligada com

[4] Aqui está presente o sentido mais genérico do termo (Lennon, 1997), em que fluência é geralmente vista como sinônimo de proficiência.

o sotaque e ritmo do falante nativo ideal. Portanto, questionamentos recorrentes como “você é fluente em tal língua?”, podem esconder uma outra pergunta implícita: “você fala tal língua de forma natural, como um nativo?”, ou seja, velocidade da fala e sotaque - os quais são características da fala, portanto individuais (Saussure,1916) - são levados em conta.

Não pretendo dizer com isso que a fluência oral não possa ser considerada como um critério de justificativa para a proficiência, já que existem contextos em que ela é extremamente exigida. Entretanto, é verdade que muito peso tem sido colocado sobre a fluência, de maneira que outros aspectos como “o uso regular de duas línguas e os seus domínios de uso” (Grosjean, 1982, p. 231) são deixados de lado.

No tocante à velocidade de reação do falante, também mencionado na segunda resposta, vale pontuar que Lambert (1955) já havia discutido sobre esse atributo, ao promover uma experiência em que os indivíduos eram expostos à instruções em duas línguas e, de acordo com cada uma, deveriam pressionar chaves de diferentes cores em um teclado. Dessa forma, eles eram avaliados por sua velocidade de reação e, por consequência, eram considerados ou não como “bilíngues perfeitos”, que podemos entender neste contexto como "proficientes". Segundo Lambert (1955, p. 198): “Se alguém fosse perfeitamente bilíngue - igualmente proficiente em ambas as línguas - não deveria ter qualquer diferença entre as velocidades de resposta nas duas línguas”[5] (apud GROSJEAN, 1982, p. 233)

O problema dessa crença reside justamente no fato de que outros fatores são claramente desconsiderados, como aspectos socioculturais (GROSJEAN, 1982), pessoais e emocionais, dado que se tratava de uma tarefa com objetivos avaliativos, portanto a possibilidade de se ter um comportamento atípico era grande. Além do mais, nossa velocidade de reação varia de indivíduo para indivíduo até mesmo em nossa língua materna.

Considerando-se o segundo fator "fluência suficiente nas quatro habilidades”, vale ressaltar que essa é uma visão um pouco menos ampla, ou seja, mais

[5] No original: If one were a perfect bilingual - equally facile in both languages - there should be no difference between the speeds of response in the two languages.

específica do conceito de proficiência, já que se considera a competência do falante nessas quatro habilidades, porém ainda privilegia o uso do termo “fluência” relacionado à fala, pois a participante 3 menciona ao final “com fluência suficiente para ser entendida”, indicando que a oralidade é o foco, desconsiderando assim a fluência em outras competências.

Um aspecto da proficiência que não foi mencionado em nenhuma resposta acima, é o uso da língua, o qual, de acordo com Grosjean (1982), determina todo o restante:

> No final, a fluência em cada uma das quatro habilidades básicas nas duas línguas é determinada principalmente pelo uso da língua, que por sua vez, é determinado pela necessidade. Se uma habilidade particular não é necessária, ela não será desenvolvida ou se já tiver sido desenvolvida, desaparecerá.[6] (GROSJEAN, 1982, p. 236, tradução nossa)

Por conseguinte, em um curso como o LEA-MSI, em que as disciplinas de aplicação são distintas como por exemplo terminologia, tradução audiovisual e organização de conferências internacionais, os propósitos de uso da língua para cada matéria também será variado, fazendo com que a noção de proficiência seja ampliada em certo sentido.

3.2 PROFICIÊNCIA EXCLUSIVA EM INGLÊS

Outra crença unânime nas narrativas, foi o fato dos alunos se considerarem proficientes somente em inglês, dentre as línguas presentes na graduação. Irei analisar o porquê da língua inglesa ter sido escolhida, isto é, as razões dadas para cada resposta.

Participante 1 - *Inglês. Porque eu acho que tenho um certo domínio dos campos da fluência (speaking, listening, etc)*

Participante 2 - *Inglês pois é a única que realmente tenho prática constante.*

Participante 3 - *Em Inglês, porque é a língua com a qual tenho mais familiaridade e a qual estudo a mais tempo*

[6] No original: In the end, fluency in each of the four basic skills in the two languages is determined primarily by language use, and in turn, language use is determined by need. If a particular skill is not needed, it will not be developed or, if it has already been acquired, it will wither away.

Participante 4 - *Inglês. Porque sinto que, mesmo quando eu não sei uma palavra ou outra, ainda consigo me comunicar muito bem, podendo achar um jeito de explicar a palavra e seguir a conversa. Na escuta, sei que posso entender sem pedir para as pessoas diminuírem o ritmo da fala, e na escrita e leitura, também me sinto confiante.*

Com base nas narrativas acima, foram perceptíveis três crenças relacionadas à proficiência em uma língua: algum domínio e autonomia nas habilidades linguísticas (compreensão oral e escrita, produção oral e escrita), o uso regular do idioma e tempo de estudo e familiaridade com a língua. À exceção da primeira, já amplamente discutida, as duas últimas ainda não haviam sido mencionadas, portanto irei analisá-las nesta subseção.

O uso regular do idioma, tal qual enfatizado por Grosjean (1982), desempenha um papel expressivo na proficiência pois, a partir disso, é promovido o desenvolvimento de certas habilidades básicas. Sendo assim, se um(a) pesquisador(a) faz uso regular de um idioma na leitura e escrita de artigos científicos, ele(a) irá então exercitar mais as habilidades de escrita e leitura, pois tem-se a necessidade dentro de tal contexto.

Logo, utilizar o idioma diariamente não está necessariamente relacionado somente à uma habilidade, por exemplo a fala, ou tampouco a todas elas, mas sim ao propósito de uso. Ao discorrer sobre o tema, Scaramucci (1997) afirma:

> Assim, uma definição mais adequada de proficiência deveria incluir o propósito da situação de uso. Em vez de dizer *Ele é proficiente em Inglês,* seria mais apropriado dizer *Ele é proficiente em Inglês para viver e estudar na Inglaterra* (uso mais geral) ou *Ele é proficiente em Inglês para trabalhar no Brasil como guia turístico*; ou *Ele é proficiente em leitura em Inglês* (uso mais específico) ou *Ele é proficiente em leitura de manuais técnicos em Inglês* (uso ainda mais específico), e assim por diante. (SCARAMUCCI, 1997, 1998, p. 14)

Desse modo, existe uma possibilidade que os participantes tenham proficiência em um outro idioma dentre as línguas oferecidas no LEA, se assim o utilizarem regularmente. No que tange ao tempo de estudo, pode parecer óbvio o argumento de que quanto mais tempo é empregado em uma língua, mais você se tornará proficiente nela, entretanto existem pessoas que estudam anos a fio em cursinhos de línguas e, ainda assim, se sentem incapacitados e sem confiança para

se considerarem proficientes. Um dos fatores que podem levar a esse tipo de situação, é a falta de familiaridade com a língua, o que pode fazer com que o falante não se aproprie dela e, como resultado, não sinta segurança para usá-la. Barcelos (2016), ao comentar sobre a crença presente em muitos professores de inglês de não se sentirem proficientes no idioma, contribui para a discussão encorajando-os a serem íntimos da língua inglesa:

> Pensem sobre sua aprendizagem de inglês de forma diferente e vejam como ela pode ser contínua e produtiva. Mas, principalmente, ao decidir vê-la assim, realmente utilizem a língua no seu dia a dia, tornando-a menos "estrangeira" e o mais íntima possível. Que a língua inglesa seja sua melhor amiga, com quem vocês conversam sempre! Assim, vocês estarão servindo de modelo para seus alunos que, com certeza, também irão se encantar pelo aprendizado de línguas e as tornarão também conhecidas e menos "estrangeiras". (BARCELOS, 2016, p. 47)

De igual modo, faço coro às palavras de Barcelos (2016) e encorajo os discentes do LEA a tornarem cada vez mais suas línguas estrangeiras menos "estrangeiras" e mais íntimas e familiares, utilizando-as regularmente e crescendo na escala de proficiência.

3.3 CONTEXTO E COMUNICAÇÃO NA LÍNGUA

Participante 1 - *Falar bem uma língua é entender não só ela, mas o contexto em que ela está inserida. Conhecer níveis de formalidade, o uso de coloquialismos, etc. Saber se portar e transitar por meio da língua.*
Participante 2 - *Entender e ser entendido.*
Participante 3 - *Ter domínio o suficiente de gramática, vocabulário e de expressões da língua para ser compreendido e compreender a língua no meio escrito ou falado.*
Participante 4 - *Se fazer ser entendido. Mesmo se você não tem o nível mais avançado da fala, se a pessoa consegue receber corretamente a mensagem que você quer passar, já considero que fala bem a língua.*

Ao considerar que esta subseção liga-se com a primeira, há crenças valiosas a serem comentadas aqui, tal como a menção do contexto aplicado à ideia de falar bem uma língua, a qual não havia aparecido antes. Uma razão provável para este fenômeno, pode ser o fato da palavra "proficiência" estar muito relacionada a uma concepção rígida, de domínio absoluto do idioma, perfeição, dentre outras características.

Não obstante, a terceira pergunta do questionário não se utiliza do peso do termo mencionado, antes propõe uma questão que, no senso comum, está intimamente interligada à concepção de proficiência, o que facilita a percepção e interpretação das crenças dos participantes, pois os deixam mais livres para deliberar sobre o tema.

Dito isso, analisarei as principais crenças encontradas nas respostas acima, a saber: diferentes níveis e contextos dentro da língua; entender e se fazer entendido.

No tocante ao primeiro ponto, o participante 1 ilustra esse aspecto de maneira formidável ao afirmar que, em resumo, falar bem uma língua é “saber se portar e transitar por meio da língua”. O terceiro verbo, pode até fazer o leitor imaginar um carro transitando pelas diversas ruas, vielas, becos e avenidas de um determinado idioma, pois conhece bem o caminho. Essa metáfora é muito semelhante à realidade de “se falar bem” uma língua, tendo em vista que o falante pode trilhar tais e tais caminhos à medida que se sente confortável com esse e aquele contexto, geralmente advindo de um propósito de uso.

Além disso, o segundo registro conecta-se à ideia do primeiro, pois traz à luz a ideia das expressões, as quais podem envolver coloquialismos, linguagem acadêmica e até mesmo vocabulários do ciberespaço, em outras palavras, diferentes “níveis de formalidade”. Nesta perspectiva, um objetivo fica claro nas respostas: entender e se fazer entendido, ainda que a fluência na expressão oral não seja avançada.

Vale ressaltar que esse aspecto configura-se ainda mais relevante em um contexto acadêmico, no qual o LEA está inserido, dado que se é exigido do universitário que ele seja capaz de compreender e interpretar um artigo ou outro documento científico e expressar-se de maneira coerente e coesa através de uma produção escrita, fazendo seu argumento ser compreendido. Nesse sentido, é esperado que o universitário “fale bem” não somente uma língua estrangeira, como também sua própria língua materna.

3.4 RELEVÂNCIA DA COMPREENSÃO ORAL

A categoria linguística unânime apresentada pelos participantes em resposta à pergunta 3, (ver apêndice A) foi a compreensão oral. Registraram-se as seguintes respostas:

Participante 1 - *Acho que no nosso curso compreensão oral e fluência são fundamentais, ainda mais nas grades em que colocamos o aprendizado na prática (como nas matérias de eventos).*
Participante 2 - *Compreensão oral - fluência - domínio da gramática - expressão escrita - habilidade de tradução.*
Participante 3 - *Depende do objetivo do estudante da língua, mas para mim a compreensão oral foi essencial para ganhar confiança na língua.*
Participante 4 - *1: compreensão*

oral 2: domínio do gramática

3: expressão escrita

A partir das respostas acima, nota-se que a crença unânime dos participantes foi a de que, dentro da proficiência, a compreensão oral é/foi a categoria mais importante em suas jornadas de aprendizagem de línguas. Porém, é interessante notar que durante muitas décadas, o foco dos métodos de ensino de línguas estrangeiras era sobre gramática e tradução, como é o caso do GTM - Grammar-Translation Method, no qual passam-se regras gramaticais aos alunos e, a partir delas, eles devem traduzir frases entre as duas línguas em questão. No entanto, com o enfoque da abordagem comunicativa, a produção oral passou a ser vista como a habilidade crucial, a que deveria ser mais explorada em sala.

Por esse ângulo, percebe-se que a compreensão oral nem sempre foi reconhecida com a devida relevância que possui. Ela é vital, não só no contexto do ensino de língua estrangeira, como também no aprendizado da língua materna. Como aponta Lundsteen (1979), dentre as outras habilidades linguísticas, a compreensão oral é a primeira a ser desenvolvida pelas crianças, seguidas da fala, leitura e escrita, nesta ordem.

Da mesma forma, levando-se em consideração o contexto de língua estrangeira, ela prova-se igualmente em posição de destaque, tendo em vista que é o primeiro estímulo ao se entrar em contato com uma língua. Como confirma Yildirim (2016) ao citar Rost (1994):

> A compreensão oral é vital na sala de aula pois fornece *input*[7] para o aluno. Sem compreender o *input* no nível certo, qualquer aprendizado simplesmente não pode começar. (apud YILDIRIM, 1994, p. 2.097 tradução nossa)[8]

Nesta perspectiva, surge também uma ideia errônea de que a compreensão oral é uma habilidade passiva, no sentido de que é simplesmente uma "entrada", recebida sem esforço pelo aprendiz. Entretanto, é necessário muito esforço para se decodificar uma mensagem, reconhecer os fonemas e relacionar com as estruturas já conhecidas em sua língua materna, o que nas palavras da participante 3, "foi essencial para ganhar confiança na língua".

Além disso, a narrativa do participante 1 também nos mostra um aspecto a ser enfatizado, dado que se é mencionado a relevância da compreensão oral e da fluência especialmente no contexto das matérias de aplicação do LEA, como é o caso da disciplina citada POCI (Planejamento e Organização de Conferências Internacionais), o que nos permite observar que ela juntamente com a fluência, desempenham um papel ativo em uma matéria prática, a qual relaciona-se à ideia de compreender o que se fala e se fazer compreendido.

É interessante mencionar que, nas descrições do já mencionado QECR, os níveis de proficiência mais básicos, A1 e A2, são descritos da seguinte maneira:

[7] A palavra input significa literalmente "entrada", ou seja, tudo aquilo que o aprendiz recebe da língua ao ler e escutar.
[8] No original: Listening is vital in the language classroom because it provides input for the learner. Without understanding input at the right level, any learning simply cannot begin.

A1 Iniciante	É capaz de compreender e usar expressões familiares e cotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.
A2 Básico	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e direta sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.

Figura 1 - Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR)

Fonte: British Council Brasil

Dessa forma, percebe-se que as primeiras frases de descrição destes estágios são sempre relacionadas à escuta, ou seja, mais uma vez a compreensão oral é colocada num patamar de relevância. De igual forma, o último nível do quadro, o C2, é descrito de maneira similar, à exceção de que o aprendiz terá um domínio quase pleno de tudo o que escuta.

Vale também ressaltar um outro aspecto relacionado a este tema. Levando-se em consideração que a compreensão oral é uma das primeiras competências a serem desenvolvidas tanto na língua materna quanto na língua estrangeira, ela também é vista por Grosjean (1982) como uma das últimas a ser afetada quando o bilíngue entra num processo de “dormência”, pelo fato de não utilizar mais um determinado idioma de forma regular. Ao comentar que a pronúncia e a escrita sofrem consideravelmente nesta situação, o autor elucida:

> É interessante que a compreensão oral da língua sofre bem menos; À exceção de novas tecnologias e novos coloquialismos que a pessoa pode não saber, ele ou ela geralmente não tem problemas em manter uma boa compreensão da língua falada. [...] É como se a sociedade

> permitisse a alguém aprender uma língua mas não a esquecê-la.[9] (GROSJEAN, 1982, p. 238, tradução nossa).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de compreensão do fenômeno da proficiência linguística perpassa gerações, não somente no campo das letras, como também em outras áreas de humanidades como a psicologia cognitiva. Tal esforço se relaciona à dificuldade de definição do termo, haja vista que é um tema complexo, à descrição do indivíduo proficiente, à percepção do que se passa no cérebro dos multilíngues, de que maneira eles organizam seus idiomas na mente e à observação de crenças a respeito de tais aspectos na vida cotidiana.

Neste trabalho, busquei investigar, analisar e interpretar as crenças dos alunos de LEA-MSI a respeito do conceito de proficiência, as quais, vale lembrar, são maneiras de se conceber a realidade, isto é, as percepções sobre o mundo e seus fenômenos (Barcelos, 2010). Partindo-se dessa perspectiva, procurei apresentar as concepções dos principais teóricos sobre o assunto e diferenciar conceitos e termos por razões metodológicas tais como “crenças”, “análise de narrativas”, “bilinguismo” e “proficiência”.

Desse modo, considero que tive sucesso com esta pesquisa ao conseguir responder o problema de pesquisa inicial mencionado acima. Para a realização de tal tarefa, me apropriei do método de análise de narrativas, através de questionários abertos, visto que essa análise me possibilita explorar melhor um fenômeno dentro de um determinado contexto (Godoy, 1995). Ao adentrar o universo dos discentes, percebi que cada uma das crenças analisadas foram relevantes para a discussão apresentada neste trabalho, as mais frequentes foram: a crença de que fluência, naturalidade e ritmo de fala estão intimamente relacionados à proficiência; inglês como único idioma em que os participantes se declaram proficientes; entender e se fazer entendido para poder “falar bem” uma língua e a compreensão oral como habilidade chave no processo de aprendizagem de línguas dos participantes.

[9] No original: It is interesting that language comprehension suffers much less; apart from new technology and new colloquialisms that the person may not know, he or she usually has no problems retaining a good understanding of the spoken language. [...] It is as if society allowed one to learn a language but not to forget it!

É verdade que algumas dessas crenças tiveram mais prestígio na academia no passado e atualmente conhecem uma posição coadjuvante, outras o caminho inverso. Não obstante, vale ressaltar que a proficiência está intimamente relacionada ao contexto de uso da língua (Scaramucci, 2000), sendo assim, os critérios avaliados para o conceito de proficiência podem variar a depender do contexto de cada indivíduo.

Logo, considero esta pesquisa relevante, pois abrange o conceito de proficiência no debate acadêmico, inclusive dentro do curso de LEA-MSI, além de fazer-nos questionar nossas próprias crenças acerca do conceito de proficiência, o qual também é vigente em contextos menos formais e mais palpáveis da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, A. “I can do it!”: Vencer limitações pessoais no uso do inglês. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BASTOS, L.; BIAR, L. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Scielo Brazil, 2015. Disponível em: https://bit.ly/3M6XO5l. Acesso em: 15 de abril de 2022.

BLOOMFIELD, L. **Language.** Chicago: The University of Chicago Press, 1933.

CAMARGO, Gladys Quevedo. Breve história da evolução do construto proficiência em línguas. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 104, p. 27-44, jan./abr. 2019

FRANÇOIS GROSJEAN. François Grosjean, 2010. **Myths about bilingualism.** Disponível em: <https://www.francoisgrosjean.ch/myths_en.html>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995. Disponível em: https://bit.ly/3DUz3si. Acesso em: 20 de set. de 2022.

GOMES JUNIOR, R. et al. Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas. São Paulo: Pimenta cultural, 2020.

GROSJEAN, F. **Bilingual: Life and Reality**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: An introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

GROSJEAN, F. **Parler plusieurs langues**: Le monde des bilingues. Albin Michel, 2015.

HARLEY, Birgit *et al.* **The Development of Second Language Proficiency**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

LENNON, P. Investigating fluency in EFL: a quantitative approach. Language learning 40(3):287-417.

O BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Lea-msi.** Disponível em: <http://lea-msi.unb.br/index.php/pt-br/curso>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

O QUE É O LEANI?. **LEANI.** Disponível em: <https://www.leani.com.br/o-que-e>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

PROFICIÊNCIA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3UOJnb0>. Acesso em: 9 de set. de 2022.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3r9aC2I>. Acesso em: 23 de set. de 2022.

YILDIRIM, S; YILDIRIM, Ö. The importance of listening in language learning and listening comprehension problems experienced by language learners: A literature review. Üniversitesi Eğitim Fakültesi Dergisi, 2016.

ZIMMER, M; FINGER, I; SCHERER, L. Do bilinguismo ao multilinguismo: Intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. Lume, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3jGYzWC>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES

1. Na sua opinião, o que é proficiência?
2. Dentre as línguas obrigatórias do LEA-MSI (inglês, francês ou espanhol), em quais você se considera proficiente? Por que?
3. No seu ponto de vista, o que significa falar bem uma língua?
4. Considerando sua jornada de aprendizagem de línguas ao longo do curso, quais categorias você considerou ou considera mais importantes neste processo?
    - Domínio da gramática
    - Habilidade de tradução
    - Fluência
    - Expressão escrita
    - Compreensão oral